



MULHERES

no mercado de trabalho
da Região Metropolitana
de São Paulo

Março de 2019

MULHERES

no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo em 2018

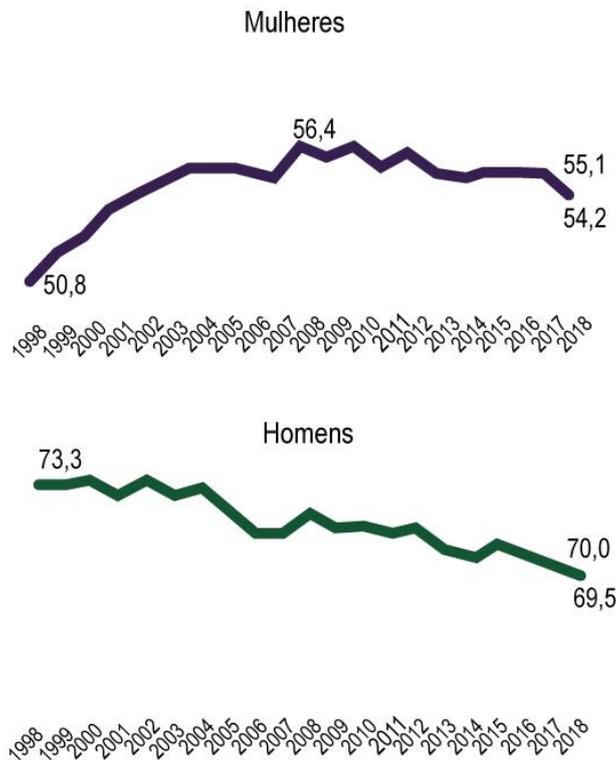
Desde o final dos anos 1990, a Fundação Seade vem acompanhando a inserção das mulheres no mercado de trabalho com publicações específicas sobre o tema. Esse estudo apresenta informações atualizadas da Pesquisa de Emprego e Desemprego - PED, na Região Metropolitana de São Paulo, realizada pela Fundação Seade, em parceria com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - Dieese.

Em 2018, a taxa de desemprego feminino diminuiu, como resultado do aumento do nível de ocupação, mas, também, da saída de mulheres do mercado de trabalho. Seu rendimento médio/hora retraiu-se, passando a equivaler a 86% da remuneração dos homens.

Os dados sobre arranjos familiares, nos biênios 2007-08 e 2017-18, apresentados na segunda parte do estudo, mostram aumento da proporção de famílias formadas por pessoas que moram sozinhas, casais sem filhos e por chefes sem cônjuge com filhos. A participação feminina nas chefias das famílias também cresceu, atingindo 33,1%.

A presença das mulheres no mercado de trabalho foi se intensificando, gradualmente, até 2008, quando a **taxa de participação feminina**¹ na Região Metropolitana de São Paulo atingiu seu ponto mais alto (56,4%). A partir daquele ano houve pouca alteração no patamar do indicador e, entre 2017 e 2018 diminuiu de 55,1% para 54,2%. A leve recuperação econômica nesse último período não foi suficiente a ponto de estimular maior participação da força de trabalho.

GRÁFICO 1
Taxas de participação, por sexo
Região Metropolitana de São Paulo – 1998-2018



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED

¹ Proporção de mulheres com dez anos ou mais de idade inseridas no mercado de trabalho como ocupadas ou desempregadas.

Mais mulheres do que homens saíram do mercado de trabalho em 2018, principalmente aquelas com 25 a 59 anos de idade. Parte dos fatos que explicam essa retração envolve a espera por uma melhora mais consistente da economia para o (re)início da procura ativa por trabalho. O adiamento da entrada de jovens também vem sendo considerado como um dos principais fatores de desaceleração do ritmo de participação feminina no mercado de trabalho. A pesquisa mostra que a taxa de participação das jovens com 16 a 24 anos vem se retraindo no decorrer dos anos e, em 2018, permaneceu relativamente estável.

TABELA 1
Taxas de participação das mulheres, por faixas etárias
2017-2018

Faixa etária	2017	2018
Total	55,1%	54,2%
16 a 24 anos	68,1%	68,0%
25 a 39 anos	79,0%	78,2%
40 a 49 anos	74,1%	73,4%
50 a 59 anos	56,2%	54,7%
60 anos e mais	15,4%	15,1%

O nível ocupacional das mulheres voltou a crescer em 2018, após retração nos três anos anteriores. O pequeno aumento de 1,0% no nível de ocupação feminino, entre 2017 e 2018, deveu-se ao comportamento positivo na indústria, no comércio e, com menor intensidade, nos serviços, onde a elevação dos serviços domésticos compensou a retração observada em outros segmentos do setor.

Segundo posição na ocupação, além das empregadas domésticas (diaristas e mensalistas), houve crescimento, também, entre as trabalhadoras autônomas e as assalariadas com carteira de trabalho assinada. De acordo com as características pessoais, destacam-se os aumentos no percentual de mulheres ocupadas com 25 a 39 anos de idade, com ensino médio completo e com o superior completo.

IMAGEM 1
Distribuição e variação do nível de ocupação feminino,
segundo os principais setores de atividade
2017 - 2018

<p>INDÚSTRIA</p> 	<p>Distribuição 2018 0,7% Variação 2018/2017 3,9%</p>	<p>ALOJAMENTO E ALIMENTAÇÃO</p> 	<p>Distribuição 2018 14,3% Variação 2018/2017 -0,5%</p>
<p>COMÉRCIO</p> 	<p>Distribuição 2018 16,4% Variação 2018/2017 3,6%</p>	<p>INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO</p> 	<p>Distribuição 2018 8,9% Variação 2018/2017 -3,3%</p>
<p>SERVIÇOS</p> 	<p>Distribuição 2018 71,7% Variação 2018/2017 0,3%</p>	<p>ATIVIDADES ADMINISTRATIVAS</p> 	<p>Distribuição 2018 8,5% Variação 2018/2017 -1,1%</p>
<p>ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA, DEFESA</p> 	<p>Distribuição 2018 21,9% Variação 2018/2017 -2,9%</p>	<p>TRANSPORTE E ARMAZENAGEM</p> 	<p>Distribuição 2018 2,7% Variação 2018/2017 -5,7%</p>
<p>SERVIÇOS DOMÉSTICOS</p> 	<p>Distribuição 2018 14,5% Variação 2018/2017 10,2%</p>		

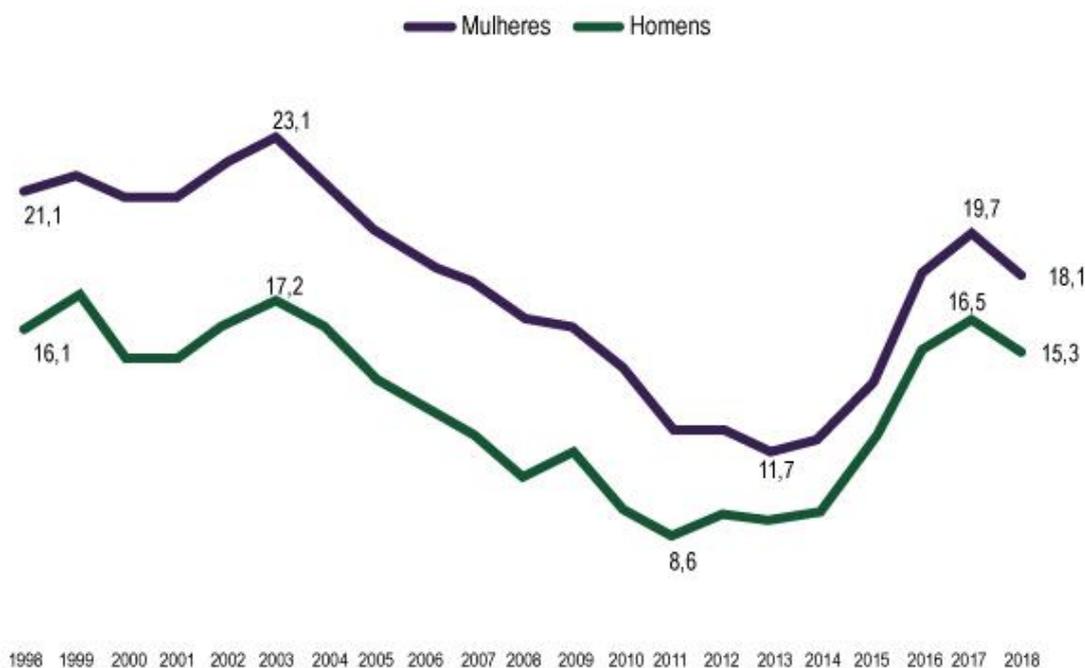
TABELA 2
Distribuição e variação de ocupação feminino,
segundo posição na ocupação
2017-2018

Posição na ocupação	Distribuição 2018	Variação 2018/2017
Assalariadas com carteira de trabalho assinada no setor privado	50,5%	1,0%
Assalariadas sem carteira de trabalho assinada no setor privado	6,6%	-3,4%
Assalariadas no setor público	9,8%	-6,7%
Autônomas	12,8%	1,9%
Empregadas domésticas	14,5%	10,2%
Demais (donas de negócio familiar, profissionais universitárias autônomas, empregadoras, etc.)	5,8%	-2,4%

O desempenho positivo do nível ocupacional feminino, combinado ao decréscimo da taxa de participação, resultou na redução da taxa de **desemprego** das mulheres, de 19,7%, em 2017, para 18,1%, em 2018, o que não ocorria desde 2013. Segundo suas componentes, esse comportamento decorreu da retração da taxa de desemprego aberto (de 16,8% para 15,5%) e da taxa de desemprego oculto (de 2,9% para 2,6%).²

² A taxa de desemprego total é composta pelas taxas de desemprego aberto e oculto. A taxa de desemprego aberto retrata a situação em que o indivíduo procurou uma ocupação no período recente e não realizou nenhum trabalho enquanto fazia a procura. A taxa de desemprego oculto se divide nas taxas de desemprego oculto pelo trabalho precário e pelo desalento. A primeira se caracteriza pela procura efetiva no período recente, concomitantemente ao exercício de algum tipo de trabalho irregular. A taxa de desemprego oculto pelo desalento retrata a situação em que houve procura em um período mais amplo e que foi interrompida por desalento, embora a pessoa ainda necessite e esteja disponível para trabalhar.

GRÁFICO 2
Taxas de desemprego total, por sexo
Região Metropolitana de São Paulo – 1998-2018

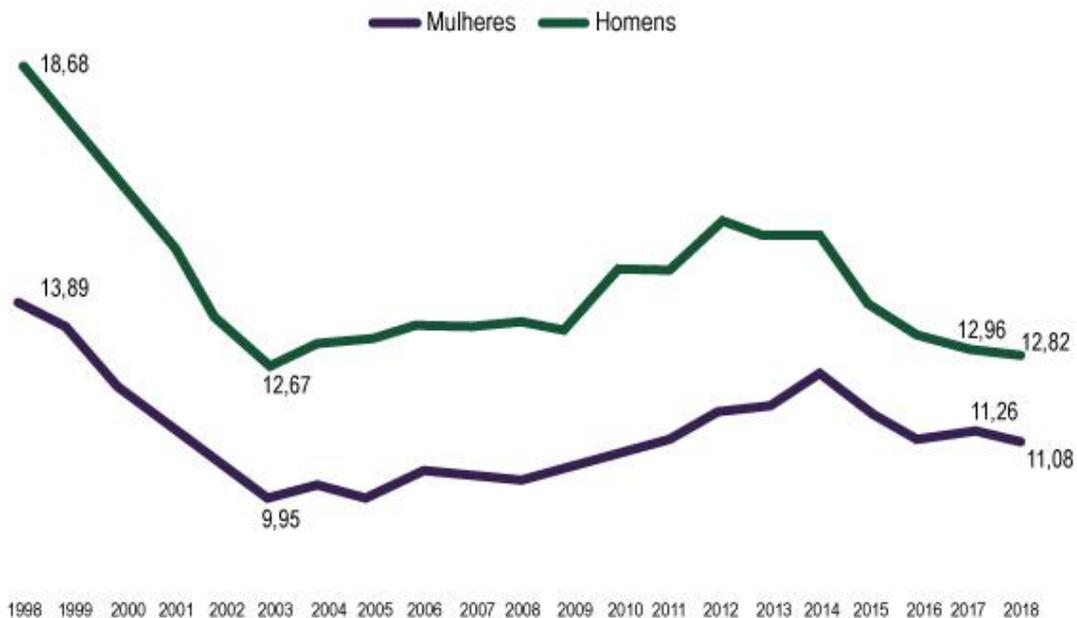


Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade–Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED

Os **rendimentos** do trabalho, aqui considerados por hora, devido aos diferenciais de jornada de trabalho entre mulheres e homens,³ tiveram perdas consideráveis ao longo dos anos. Entre 2017 e 2018, houve retração de 1,6% no rendimento médio das mulheres, que passou a valer R\$ 11,08, o equivalente a 86% do recebido pelos homens. Essa relação era de 87%, em 2017, mas já chegou a ser de 74%, em 1998. A aproximação entre os rendimentos dos dois segmentos ocorreu, principalmente, pela maior desvalorização dos rendimentos médios dos homens, mais afetados, nas últimas décadas, pelo fechamento de postos de trabalho na indústria e em segmentos do setor de serviços, que são melhor remunerados.

³ Em 2018, a jornada média semanal das mulheres ocupadas era de 39 horas e a dos homens, 43 horas.

GRÁFICO 3
Rendimento médio real por hora, segundo sexo
Região Metropolitana de São Paulo – 1998-2018



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED
Inflator utilizado: ICV-Dieese

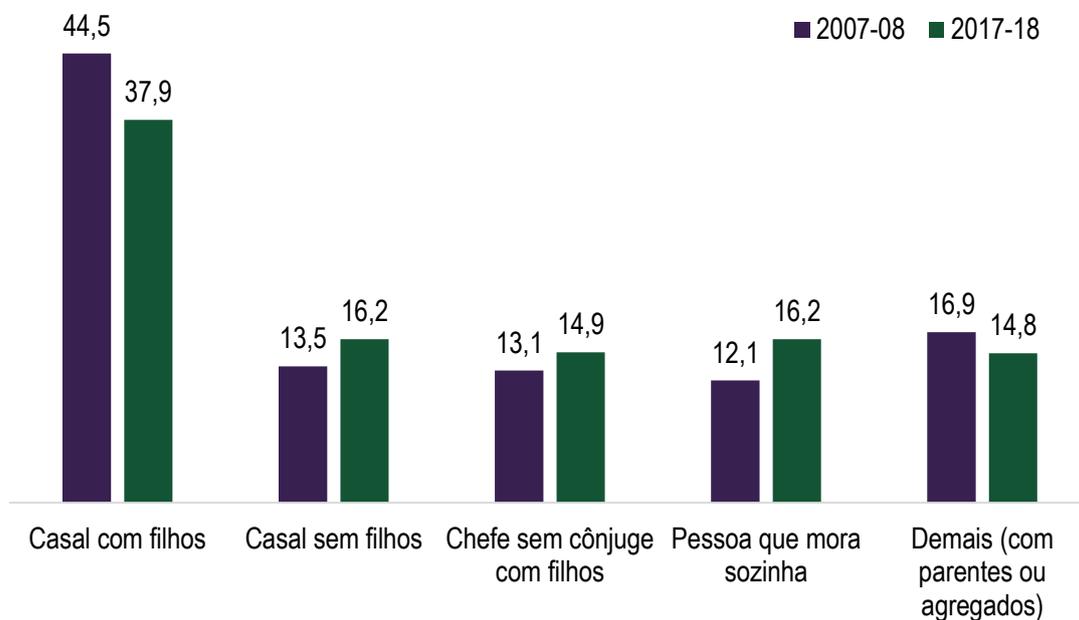
Arranjos familiares

É importante considerar o arranjo familiar nas análises de mercado de trabalho, especialmente no que diz respeito às mulheres, pois, geralmente, são elas que se dedicam aos cuidados da casa, dos filhos e parentes - idosos ou com alguma incapacidade ou enfermidade -, seja dedicando-se exclusivamente a essas atividades ou conciliando-as com o trabalho remunerado. Isso explica, em grande parte, jornadas de trabalho menores ou a proporção relativamente baixa de mulheres no mercado de trabalho, situações em que a participação dos filhos se torna desejável ou necessária na composição do orçamento familiar, em especial nos arranjos em que não há presença do cônjuge ou quando sua remuneração é insuficiente.

Entre os biênios 2007-08 e 2017-18, o número médio de pessoas nas famílias da RMSP diminuiu de 3,2 para 2,9 indivíduos. Isso ocorreu, principalmente, pela redução do número médio de filhos, que passou de 1,3 para 1,0 filho por família.

As famílias estão se mostrando um pouco menos representadas pelo clássico formato de casal com filhos, que compunham 44,5% do total de famílias em 2007-08 e passou para 37,9% em 2017-18. Também estão perdendo participação arranjos que incluem outros parentes ou agregados (de 16,9% para 14,8%). Os outros tipos de arranjos, em especial o de pessoa que mora sozinha e o constituído por casal sem filhos, aumentaram sua proporção para 16,2% cada um. Os chefes sem cônjuge com filhos - situação em que as mulheres são maioria - também tiveram aumento em sua parcela, passando para 14,9%.

GRÁFICO 4
Distribuição das famílias, segundo tipos de arranjo familiar
Região Metropolitana de São Paulo – 2007-08 e 2017-18



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão. Convênio Seade-Dieese e Ministério do Trabalho/FAT. Pesquisa de Emprego e Desemprego – PED

A chefia preponderante nas famílias ainda é a masculina, embora tenha diminuído nos últimos dez anos. Em contrapartida, a proporção de mulheres chefes no total de famílias cresceu de 27,5%, para 33,1%. O aumento ocorreu em praticamente todos os arranjos familiares, mantendo maior concentração no tipo de família constituído por chefes sem cônjuge com filhos (13,2%) e de pessoas que moram sozinhas (8,9%).

TABELA 3
Proporção de chefes mulheres, segundo arranjos familiares

	2007-08	2017-18
Total de famílias	27,5%	33,1%
Casal com filhos	1,4%	2,6%
Casal sem filhos	0,6%	1,3%
Chefes sem cônjuge com filhos	11,7%	13,2%
Pessoa que mora sozinha	6,6%	8,9%
Demais (com parentes ou agregados)	7,3%	7,1%